



**UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB**  
**DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO – CAMPUS XIV**  
**COLEGIADO DO CURSO DE LETRAS COM HABILITAÇÃO EM LÍNGUA**  
**PORTUGUESA E LITERATURAS- LICENCIATURA**

**CRISTIANE COSTA MOREIRA MOTA**

**INTERFERÊNCIA DA ORALIDADE NA ESCRITA NOS FENÔMENOS**  
**POR SUPRESSÃO: AFÉRESE, SÍNCOPE E APÓCOPE**

Conceição do Coité  
2012

**CRISTIANE COSTA MOREIRA MOTA**

**INTERFERÊNCIA DA ORALIDADE NA ESCRITA NOS FENÔMENOS POR  
SUPRESSÃO: AFÉRESE, SÍNCOPE E APÓCOPE**

Monografia apresentada ao Curso de Letras com Habilitação em Língua Portuguesa e Literaturas - Licenciatura, do Departamento de Educação – *Campus XIV* da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), como parte do processo avaliativo para obtenção do grau de Licenciado em Letras Vernáculas.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Ms. Neila Maria O. Santana.

Conceição do Coité  
2012

**CRISTIANE COSTA MOREIRA MOTA**

**INTERFERÊNCIA DA ORALIDADE NA ESCRITA NOS  
PROCESSOS FONOLÓGICOS POR SUPRESSÃO: AFÉRESE,  
SÍNCOPE E APÓCOPE**

Monografia apresentada ao Curso de Letras com Habilitação em Língua Portuguesa e Literaturas - Licenciatura, do Departamento de Educação – *Campus XIV* da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), como parte do processo avaliativo para obtenção do grau de Licenciado em Letras Vernáculas.

Aprovada em: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

**BANCA EXAMINADORA**

Profa. Ms. Neila Maria Oliveira Santana – Orientadora

Universidade do Estado da Bahia – *Campus XIV*

Assinatura:

Profa. Dra. Cristina dos Santos Carvalho – Membro da Banca

Universidade do Estado da Bahia – *Campus XIV*

Assinatura:

Profa. Dra. Lúcia Maria de Jesus Parcero – Membro da Banca

Universidade do Estado da Bahia – *Campus XIV*

Assinatura:

Tentar aprisionar a língua é na verdade tentar  
cercear o espírito criador do ser humano.

Marta Scherre

“Aos meus pais Aloísio e Maura, pelos primeiros ensinamentos, ao meu esposo Dagner e a minha princesinha Allícia.”

## **AGRADECIMENTOS**

**A Deus**, pela vida, saúde e sabedoria e todas as bênçãos concedidas ao longo de minha vida, e por permitir a realização deste trabalho.

**A minha família**, por estar sempre ao meu lado, me apoiando e incentivando em todos os momentos dessa trajetória, inclusive nos mais difíceis e por acreditarem no meu sucesso.

**A UNEB**, seu corpo docente, direção e administração que oportunizaram a janela que hoje vislumbro um horizonte superior, eivado pela acendrada confiança no mérito e ética aqui presente.

**A orientadora, Prof<sup>ª</sup>. Ms. Neila Santana**, pelo suporte, dedicação, paciência e pelas orientações que contribuíram para a realização deste trabalho.

**Aos colegas**, pelos momentos marcantes que passamos juntos nessa caminhada.

**E a todos** que contribuíram direta e indiretamente para a realização deste trabalho, o meu muito obrigado.

## RESUMO

Esse trabalho analisa a interferência da oralidade nos Processos Fonológicos por Supressão: aférese, síncope e apócope, na escrita de alunos nos anos iniciais de escolarização, a fim de comprovar estudos de que a língua oral mantém relações com a língua escrita. Objetiva-se com este estudo: a) analisar a ocorrência dos processos fonológicos de supressão por segmentos fônicos; b) investigar qual deles ocorre com maior frequência na escrita dos alunos; e c) investigar a influência de fatores sociais sobre os fenômenos em estudo. Para a realização desta pesquisa, foram adotados os pressupostos teórico-metodológicos da Sociolinguística Variacionista ou Quantitativa, que tem como iniciador William Labov. Além disso, foi utilizada, como técnica de pesquisa, a aplicação de um exercício com formato de preenchimento de lacunas, que foi aplicado em duas escolas da rede pública da cidade de Conceição do Coité, com o intuito de focalizar palavras em que pudessem ocorrer os processos fonológicos por supressão: aférese, síncope e apócope. Os parâmetros sociais considerados nessa pesquisa foram: sexo, ano de escolaridade e localização da escola. Os resultados alcançados mostraram que os alunos, são influenciados pelas marcas da oralidade na escrita, sendo estas caracterizadas como incorreções comuns previsíveis nos anos iniciais. A pesquisa também revelou que os alunos do sexo masculino, do 2º ano e os alunos que moram na zona rural tendem a realizar com mais frequência os fenômenos por supressão.

**Palavras-chave:** Sociolinguística. Variação Linguística. Processos Fonológicos. Escrita.

## ABSTRACT

This paper analyzes the interference of orality in the phonological process by Suppression: apheresis, syncope and apocope, in the writing of students in the early years of schooling, in order to prove that oral language has relations with written language. This study aims: a) analyze the occurrence of phonological processes of suppression by phonic segments, b) investigate which one occurs most frequently in the writing of students, and c) to investigate the influence of social factors on the phenomena under study. To carry out this research, we adopted the theoretic-methodologic assumption of Sociolinguistics Variationist or Quantitative, whose initiator William Labov. Furthermore, it was used as a research technique, the application of an exercise phrases format to fill in gaps that were applied in two public schools in the city of Conceição do Coité, in order to focus on words that could occur by the phonological process: suppression, apheresis, syncope and apocope. The social parameters considered in this study included: gender, grade and school location. The results showed that students are influenced by the marks of orality in writing which were characterized as predictable common inaccuracies in the early years of schooling. The study also revealed that male students and 2nd year students who live in rural areas tend to perform more frequently the suppression phenomena.

Keywords: Sociolinguistics. Linguistic Variation. Phonological Process. Writing.

## LISTA DE TABELAS E GRÁFICOS

<b>Tabela 1</b> -	Índice geral de ocorrências na amostra.....	27
<b>Tabela 2</b> -	Distribuição dos dados no <i>corpus</i> quanto aos fenômenos.....	28
<b>Tabela 3</b> -	Distribuição dos dados quanto à série.....	29
<b>Tabela 4</b> -	Distribuição dos dados quanto ao sexo.....	30
<b>Tabela 5</b> -	Distribuição dos dados quanto à localidade.....	31
<b>Gráfico 1</b> -	Índice geral de ocorrências na amostra.....	28
<b>Gráfico 2</b> -	Índice geral de ocorrências na amostra, por fenômeno.....	29

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	10
<b>CAPÍTULO I - FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....</b>	<b>12</b>
<b>1.1 A Sociolinguística e o seu objeto de estudo.....</b>	<b>12</b>
<b>1.2 Variação linguística e o ensino de língua materna.....</b>	<b>13</b>
1.2.1 A escola e a noção de “erro”.....	15
<b>1.3 A relação entre língua falada e língua escrita.....</b>	<b>16</b>
<b>1.4 Processos fonológicos de supressão: Aférese, Síncope e Apócope.....</b>	<b>18</b>
<b>CAPÍTULO II - METODOLOGIA.....</b>	<b>20</b>
<b>2.1 O tipo de pesquisa.....</b>	<b>20</b>
<b>2.2 Local e sujeitos.....</b>	<b>20</b>
<b>2.3 Instrumentos.....</b>	<b>21</b>
<b>2.4 Processamento de dados.....</b>	<b>22</b>
<b>2.5 Variáveis.....</b>	<b>23</b>
2.5.1 Variável dependente.....	24
2.5.2 Variáveis independentes.....	24
<b>CAPÍTULO III - ANÁLISE DOS DADOS.....</b>	<b>27</b>
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>33</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>35</b>
<b>APÊNDICE: Exercício com preenchimento de lacunas.....</b>	<b>38</b>

## INTRODUÇÃO

A aquisição de uma língua, como se sabe, dá-se por meio do contato da criança com outros falantes e, como tal, é um processo que resulta no aprendizado de características culturais e sociais.

Ao ingressar na escola, a criança fala uma variedade linguística que adquiriu com o contato direto com a sua família e do contexto sociocultural em que está inserida, necessitando, contudo, aprender a ler e escrever uma variedade nova – a padrão – torna-se difícil para ela, pois essa língua padrão encontra-se total ou parcialmente distante de sua realidade. Lidar com a Língua Portuguesa não é uma tarefa fácil. Mesmo para os falantes desta língua materna, pode ser um desafio lidar com tantas regras, com tantas convenções da língua escrita, que parecem intermináveis e não são aplicadas em sua totalidade na língua falada.

Se a escrita é uma atividade nova para a criança, é necessário um tratamento especial na alfabetização, pois a criança precisa entender que há várias formas gráficas. Sendo assim, ela deve saber discriminar as formas das letras, já que as mesmas possuem formas bastante semelhantes, como também compreender a ligação simbólica entre os sons da fala e as letras do alfabeto com suas distinções relevantes na língua. Nesse percurso, o alfabetizando ainda não concebeu a escrita como algo que pode ser diferente da oralidade, uma vez que não sabe diferir que, às vezes, uma letra pronunciada por um som pode não ser a que deve ser grafada, carregando assim, marcas da oralidade na escrita.

Tendo constatado a comum realização dos fenômenos por supressão: aférese, síncope e apócope na língua oral e a sua interferência na língua escrita, esta pesquisa ocupa-se de estudar a variação na representação desses fenômenos na escrita de alunos de séries iniciais. A escolha do tema deste trabalho foi motivada justamente pela necessidade de estabelecer uma aproximação mais íntima entre a teoria linguística e o ensino da língua materna, e também, por essa constatação de que determinados usos linguísticos que os alunos realizam na oralidade tendem a ser reproduzidos na escrita.

Para análise desses fenômenos, esta pesquisa baseia-se nos pressupostos teórico-metodológicos da Sociolinguística Variacionista, no que diz respeito à coleta e análise dos dados. Foi constituído, então, um exercício-teste a ser respondido por alunos do 2º e 4º anos do Ensino Fundamental I de escolas públicas de Conceição do Coité.

Ao estudar os fenômenos variáveis dos processos fonológicos por supressão, têm-se como objetivos: (a) analisar a ocorrência dos processos fonológicos de supressão de

segmentos fônicos: aférese, síncope e apócope, na escrita de alunos de escola pública de Conceição do Coité; (b) identificar dentre os fenômenos de supressão, qual ocorre com mais frequência na escrita de alunos de Conceição do Coité; (c) analisar quais os fatores externos da língua que motivam esses alunos a realizarem os processos fonológicos de supressão; (d) comparar a escrita dos alunos de ensino fundamental do 2º e 4º anos, se as ocorrências dos fenômenos de supressão tendem a aumentar ou diminuir na proporção em que eles avançam nas séries.

Mediante alguns questionamentos que norteiam esta pesquisa, levantam-se as seguintes hipóteses: 1) os alunos ao realizarem os fenômenos por supressão: aférese, síncope e apócope, tendem a reproduzi-las na escrita da mesma forma que pronunciam, porque, na maioria das vezes desconhecem a grafia correta da palavra; 2) dentre os processos fonológicos por supressão analisados, os alunos tendem a realizar, com mais frequência, a aférese, por ser a supressão do fonema inicial; 3) provavelmente, os alunos do 4º ano realizam os fenômenos de supressão com menos frequência do que os alunos do 2º ano, devido ao fato de o grau de escolaridade ser mais avançado.

Para analisar as questões abordadas acima, esta monografia está organizada em três capítulos. No primeiro, apresentam-se os pressupostos teóricos que embasam esta pesquisa, abordando, para tanto, a variação linguística e o ensino de língua materna, a relação entre língua falada e a língua escrita, e faz-se uma abordagem dos processos fonológicos por supressão: aférese, síncope e apócope. No segundo capítulo, serão descritos os procedimentos metodológicos adotados na pesquisa. Para tanto, será apresentado um breve histórico do município de Conceição do Coité, como também informações sobre as escolas selecionadas. Serão discutidos também sobre os métodos adotados na coleta e análise dos dados, assim como a variável dependente e as variáveis independentes selecionadas para o estudo. No terceiro capítulo, serão expostos os resultados obtidos na pesquisa à luz dos teóricos que tratam do assunto, confrontando-os com as hipóteses levantadas para o estudo, além da reflexão sobre os aspectos analisados. E, finalmente, nas considerações finais, retomam-se as informações mais importantes acerca dos fenômenos investigados e dos dados analisados.

## CAPÍTULO I - FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

O presente capítulo apresenta uma gama de teóricos os quais fundamentam esta pesquisa. Está dividido em quatro subcapítulos: o primeiro traz como foco a conceituação da Sociolinguística e o seu objeto de estudo, que é a variação. O segundo aborda a relação entre variação linguística e o ensino de língua materna, refletindo também a respeito da escola e as noções de erro. O terceiro caracteriza a relação entre língua falada e língua escrita. Por fim, o último item discute os processos fonológicos por supressão – aférese, síncope e apócope, os quais são focos principais de estudo nesta pesquisa.

### 1.1 A Sociolinguística e o seu objeto de estudo

Esta pesquisa apoia-se na Sociolinguística ciência cujo objeto material é a descrição das línguas. Sabido da relevância da linguagem para o homem, a Linguística busca explicações para os procedimentos comunicativos, em especial no que concerne à língua falada e à escrita por diversos grupos sociais.

Deve-se ter em mente que a língua não é simplesmente um veículo para se transmitir informações, mas é também um meio de estabelecer e manter relacionamentos com outras pessoas. A função da língua, de estabelecer contatos sociais, e o papel por ela desempenhado, de transmitir informações sobre o falante, constituem uma grande prova de que existe uma íntima relação entre língua e sociedade.

Segundo Mollica (2003, p.9), um dos ramos da Linguística que recebeu grande impulso na segunda metade do século XX e, comumente, sendo definida como subárea da Linguística, foi a Sociolinguística, que surgiu nos Estados Unidos, em meados da década de 1960, quando muitos cientistas da linguagem decidiram que não era mais possível estudar a língua sem levar em conta também a sociedade em que ela é falada. O estudo da variação e da mudança na perspectiva sociolinguística foi impulsionado, sobretudo, por William Labov, que se tornou o nome mais conhecido na área. Os estudos desenvolvidos nesta área não apenas repercutiram nas descrições da língua enquanto sistema, mas também nas decisões políticas e educacionais mais exigidas pelas inúmeras questões que a diversidade linguística vem suscitando no mundo moderno.

A Sociolinguística preocupa-se em estudar a língua em uso na comunidade de fala. Esse estudo leva em consideração a língua como algo social, pertencente a todos os

indivíduos de uma comunidade, ela concebe a língua como uma estrutura viva, que se diversifica dependendo da região onde é empregada, ou seja, ela possui um caráter heterogêneo, o que quer dizer que as línguas estão sujeitas à variação e à mudança, e de que o fenômeno da variação linguística é um fator inerente à língua e à linguagem. Esse tema é abordado por Bortoni-Ricardo (2005, p.20) que afirma:

A Sociolinguística se ocupa principalmente das diversidades nos repertórios linguísticos das diferentes comunidades conferindo às funções sociais que a linguagem desempenha a mesma relevância que até então se atribuía tão somente aos aspectos formais da língua.

Dessa forma, é possível observar que seu objeto de estudo é a língua falada, em um contexto social, em uma situação real de uso, pois a língua é um instrumento complexo com várias possibilidades de uso. Essas possibilidades são geradas porque o homem é um ser subjetivo que a utiliza em diversas situações.

Sem a comunidade não existe interação, daí a importância de analisar a relação existente entre língua, sociedade e cultura. Essa temática é abordada por Mollica (2007, p.10), ao ressaltar que:

A Sociolinguística considera a importância social da linguagem, dos pequenos grupos socioculturais a comunidades maiores. Se cada grupo apresentasse comportamento linguístico idêntico, não haveria razão para se ter um olhar sociolinguístico da sociedade.

Nessa perspectiva, é perceptível que através da convivência em sociedade, dessa interação entre os indivíduos e da herança cultural, será observado o fenômeno linguístico e sua abrangência dialetal e variacional, analisando como a língua funciona em um contexto de fala e quais os fatores que influenciam para que as mudanças linguísticas ocorram.

## **1.2 Variação linguística e o ensino de língua materna**

A definição de variedades linguísticas, segundo Bagno (2007, p.47) é um dos muitos “modos de falar” de uma língua. Sabendo-se, pois, que o dinamismo linguístico é inerente e motivado, as variedades linguísticas são condicionadas por indicadores geográficos, sociais e estilísticos, o que faz com que a variação possa ser classificada como: *variação diatópica*, diferenças linguísticas no plano regional; *variação diastrática*, alternâncias linguísticas manifestadas de acordo com os diferentes estratos sociais; e a *variação diafásica*, formas

linguísticas alternantes ditadas pelo contexto social. Tais variações denotam o caráter heterogêneo da língua, bem como influenciam o perfil linguístico dos falantes.

A partir do reconhecimento da variação linguística como um fator imanente à língua, convém observar que determinados usos linguísticos podem repercutir na escrita. Conforme Fávero et al(2002 *apud* RIBEIRO, 2006 p. 216), “[...] a língua falada exerce grande influência sobre a escrita, sobretudo no que se refere à representação gráfica dos sons”. No entanto, o professor de língua portuguesa deve esclarecer aos alunos a existência de peculiaridades pertinentes à escrita que a diferem da produção oral.

Sabe-se que todo e qualquer aluno, antes mesmo de ingressar na escola, é competente linguisticamente em sua língua materna. Essa competência é adquirida mediante o convívio em seu meio social, pelo qual internaliza conhecimentos que o tornarão capaz de satisfazer suas necessidades comunicativas. Com base nessa reflexão, salienta Bortoni-Ricardo (2006, p. 268):

[...] é nossa tarefa na escola ajudar os alunos a refletir sobre sua língua materna. Essa reflexão torna mais fácil para ele desenvolver sua competência e ampliar o número e a natureza das tarefas comunicativas que já são capazes de realizar, primeiramente na língua oral e, depois, também por meio da língua escrita [...].

Sendo assim, não compete à escola ensinar ao aluno a se comunicar somente através da norma culta, mas cabe a ela ampliar as tarefas comunicativas que o falante já é capaz de realizar. Em outras palavras, o objetivo primordial do ensino da Língua Materna, conforme Travaglia (2001, p.17), é desenvolver a competência comunicativa do usuário e fazê-lo empregar adequadamente a língua nas diversas situações.

No que se refere a questões relacionadas ao ensino de língua materna, Camacho (2008, p. 72) postula que:

Se a padronização linguística é uma imposição institucional em sociedades estratificadas, o sistema escolar tem um papel político relevante a desempenhar para a promoção das camadas marginalizadas, que é o de propiciar-lhes o acesso a todos os bens simbólicos, dentre eles a variedade padrão. É essa ação transformadora que cabe à escola assumir com urgência, para exercer, de fato e de direito, seu papel de instituição de vanguarda.

Considerando que, dentre as tarefas do ensino da língua materna, está a de propiciar ao aluno a ampliação do seu repertório linguístico e, por conseguinte, o desenvolvimento da sua competência comunicativa, não existem razões que sustentem a postura da escola de se limitar e se preocupar, segundo Bortoni Ricardo (2005, p.14), “em ensinar a língua

dominante”, que é a chamada norma culta. É preciso adotar novas estratégias didáticas que permitam valorizar também as formas linguísticas alternativas dos alunos. Caberia à escola, então, discutir os valores sociais atribuídos a cada variante linguística, enfatizando a carga de discriminação que pesa sobre determinados usos da língua, de modo a conscientizar o aluno de que a sua língua materna, tanto na produção escrita ou oral estará sempre sujeita a uma avaliação social que pode ser positiva ou negativa.

### 1.2.1 A escola e a noção de “erro”

Sabe-se que toda língua apresenta variantes mais prestigiadas do que outras. Os estudos sociolinguísticos oferecem grande contribuição no que se refere a destruir preconceitos linguísticos e relativizar a noção de erro, ao buscar descrever o padrão real que a escola, por exemplo, procura desqualificar e excluir como expressão linguística natural e legítima. A esse respeito, Dionísio (2000 p. 146) diz que “a escola precisa cuidar para que não se reproduza em seu espaço a discriminação linguística”.

Nesse sentido, é sabido que muitos professores acreditam que só existe uma forma correta de falar e de escrever, a que está de acordo com as regras da gramática normativa. A partir daí, mostra-se que os professores veem a língua como única e invariável, o que faz com que eles ignorem a diversidade linguística. Tasca (2002, p.19) ressalta que, para haver comunicação entre as pessoas, é necessário que elas compartilhem não apenas o conhecimento gramatical senão também o pragmático. Se o professor e o aluno não compartilharem suas linguagens sem preconceito, será difícil promover um ensino produtivo do ponto de vista do domínio das habilidades linguísticas.

Segundo Bortoni Ricardo (2005), os problemas existentes no processo de aquisição da escrita estão ligados à natureza arbitrária das convenções da escrita do sistema linguístico, bem como da interferência da oralidade na escrita. Dessa forma, os falantes, ao desconhecerem as normas que regem a modalidade escrita da língua, acabam por estabelecer relação “errônea” entre fonema e letra, o que culmina escrever do modo que falam. Essa problemática é abordada por Castro (2008, p.136), quando afirma: “Por não ter memorizado a forma das palavras, vacilam em sua grafia ou selecionam uma ou grupo de letras para representar determinados fonemas”.

Dessa maneira, o contato constante do aluno com atividades de produções escritas, assim como o exercício da leitura, o levará à memorização da grafia dos vocábulos, o que contribuirá para uma menor ocorrência de erros advindos da transcrição fonológica para a

escrita. Com relação à postura da escola diante de erros ortográficos cometidos pelos alunos, Cagliari (2005, p.146) postula que:

Os acertos em geral não são levados em conta, são admitidos como absolutamente previsíveis [...], agora, os erros pesam toneladas nas avaliações. Essa atitude implacável da escola contra os alunos, em função da ortografia, deve ser mudada, urgente e radicalmente.

Nesse contexto, é recomendável que os docentes adotem um comportamento mais flexível quanto a esta questão do erro. Como por exemplo, podem ser desenvolvidas atividades de criação de textos livres e espontâneos, uma vez que são nessas atividades que os alunos apresentam suas reais dificuldades e facilidades no aprendizado da escrita, pois a variedade linguística do aluno deve ser valorizada e respeitada, jamais excluída e considerada inferior. A partir daí, fica mais fácil para o professor saber como orientar esses alunos mediante suas dificuldades, tornando, assim, o ensino mais produtivo e satisfatório tanto para o aluno como para o professor.

### **1.3 A relação entre língua falada e língua escrita**

Sabe-se que a língua falada e a língua escrita são meios de comunicação diferentes, mas que estão intrinsecamente relacionadas. A língua falada é mais espontânea, abrange a comunicação linguística em toda a sua totalidade, além disso, é acompanhada pelo tom de voz, algumas vezes, por mímicas, incluindo as fisionomias. Já a língua escrita não é apenas a representação da língua falada, mas sim um sistema mais disciplinado e rígido. Essa separação rígida entre fala e escrita, segundo Bagno, (2007, p.68), é rejeitada pelos linguístas contemporâneos, mas continua viva na mentalidade da grande maioria das pessoas. Nesse contexto, é perceptível que as pessoas veem a língua escrita totalmente diferente da língua falada sem considerar o mínimo de relação entre ambas.

Tanto a escrita quanto a língua falada são realizações de um mesmo sistema linguístico de base, mas com realização, história e representação próprias. Ambas apresentam muitas semelhanças e algumas diferenças, pois, segundo Marcuschi (2005, p.58), não se trata de ver a fala como um simples “código oral” e a escrita como um simples “código gráfico”, que apenas codificam uma língua que estaria previamente pronta, homogênea e fixa. Fala e escrita pertencem a um mesmo sistema linguístico e destinam-se à interação verbal, possuindo um determinado fim comunicativo. Ambas apresentam-se sob variadas formas e gêneros

textuais, que irão depender da situação sócio comunicativa na qual o falante ou escritor está inserido e de suas intenções.

Considerando o conceito de escrita, não nos damos conta, por exemplo, de que assim como há o gesto e a mímica na fala, também há certos aspectos na escrita que funcionam como “gestos”. Segundo Marcuschi, (2005, p.59), esse é o caso, por exemplo, das publicidades que seduzem mais pelas imagens que se unem aos textos do que pela mensagem escrita. E assim é também o caso das demais escritas. Como exemplifica Marcuschi (2005, p.59), muitas vezes, damos valor a um livro porque ele tem uma capa bem cuidada ou uma impressão muito boa, uma letra agradável e textos ilustrados. Isso é parecido com o caso de pessoas que têm um belo sorriso quando falam ou que têm um tom de voz agradável ou sabem narrar uma história com graça independente do grau de cultura que têm. Nesse sentido, é equivocado pensar na oralidade e na escrita restritamente como um código oral e um código gráfico sem respectivamente, considerar todos esses aspectos multidimensionais.

Nessa perspectiva, fala e escrita encontram-se em um contínuo que abrange diversos gêneros de texto. Essa temática é abordada por Marcuschi (2005, p.17), ao ressaltar que:

Esse contínuo é de tal ordem que, em certos casos, fica difícil distinguir se o discurso produzido deve ser considerado falado ou escrito. Tome-se, por exemplo, o caso da notícia de um telejornal que só aparece na forma falada, mas é a leitura de um texto escrito.

Nesse contexto, é perceptível que se trata de uma oralização da escrita, e não de língua oral. Outro exemplo são publicações de entrevistas em revistas e jornais, que originalmente foram produzidas na forma oral, mas só chegam aos leitores pela forma escrita.

As proximidades entre língua escrita e língua falada são tão estreitas que parece existir, em determinados casos, uma mescla entre elas, podendo ocorrer tanto nas estratégias textuais quanto nas situações de sua realização; uma carta pessoal, por exemplo, escrita em um estilo descontraído pode ser comparada a uma narrativa oral espontânea.

Língua escrita e língua falada, por outro lado, apresentam diferenças, uma vez que divergem em suas maneiras de aquisição, produção, transmissão, recepção e uso, bem como os meios nos quais os elementos de sua estrutura se articulam.

A língua falada, segundo Fávero (2005), é o resultado da construção conjunta de pelo menos um falante em contato com um ouvinte e o seu planejamento se realiza localmente e de maneira simultânea, ou quase simultânea à produção, fato que, segundo a autora, não

possibilita um tempo maior para a sua elaboração, tornando-a, assim, redundante e fragmentada.

A língua escrita, por sua vez, é uma atividade desenvolvida de modo solitário, o que permite um tempo mais longo para seu planejamento, elaboração e até mesmo a sua revisão, assim como um maior envolvimento do escritor com o texto, com o leitor imaginário e com o tópico discursivo a ser abordado.

Fala e escrita são constituintes da maior e mais importante unidade de um grupo linguístico, a sua língua. Apenas com a plena integração entre elas é possível que se alcance o sucesso comunicativo entre os falantes/escritores.

Apesar da separação e das diferenças existentes entre língua falada e língua escrita, o que prevalece é o elo maior entre locutor e interlocutor, responsável pela eficácia da comunicação.

#### **1.4 Processos fonológicos de supressão: aférese, síncope e apócope**

A Língua Portuguesa, desde o Latim, passou por diversos processos de transformação fonético-fonológico até resultar na Língua que hoje conhecemos. Esses processos chamam-se metaplasmos ou processos fonológicos. Os metaplasmos ou processos fonológicos, segundo Cavalieri (2005, p.58) distribuem-se em quatro tipos que são:

- 1) Processos por adição: prótese, epêntese, e paragoge.
- 2) Processos por supressão: aférese, síncope, apócope e crase.
- 3) Processos por transposição: hiperbibasmo, metátese.
- 4) Processos por transformação: assimilação, diferenciação e dissimilação.

Dentre os processos apresentados, esta pesquisa irá concentrar-se nos processos fonológicos por supressão e, como o próprio nome remete, esses processos ocorrem quando suprimimos um fonema de um vocábulo. São eles:

- *Aférese*: corresponde à supressão de um ou mais fonemas iniciais, como por exemplo: “tou” por estou, “tá” por está, “inda” por ainda, “péra” por espera, “marelo” por amarelo, “brigado” por obrigado, etc.

- *Síncope*: ocorre a supressão do fonema no interior da palavra, como por exemplo: “xicra” por xícara, “horospo” por horóscopo, “coscas” por cócegas, “bebo” por bêbado, “padinho” por padrinho, “nego” por negro, etc.
- *Apócope*: tal processo resulta da queda de um fonema final, como por exemplo: “mandá” por mandar, “dizê” por dizer, “senhô” por senhor, “furunco” por furúnculo, “lampa”, por lâmpada, “passá” por passar, etc.

A partir dos processos fonológicos por supressão citados, será feita uma pesquisa nos 2º e 4ºanos do Ensino Fundamental de duas Escolas do Ensino de Rede Pública, para verificar, a partir da escrita dos alunos, se eles tendem a reproduzir os processos fonológicos supracitados na escrita da mesma forma que falam, suprimindo sons no início, meio ou no final da palavra como também constatar o percentual de ocorrência ou não dos referidos processos.

## CAPÍTULO II - METODOLOGIA

Neste capítulo, será apresentada a pesquisa de campo, exibindo o perfil das escolas em que foi feita a coleta de dados, a organização da amostra, os instrumentos utilizados, bem como o método de análise dos dados.

### 2.1 O tipo de pesquisa

Este estudo foi realizado por meio de pesquisa de campo, baseada no suporte teórico-metodológico da Sociolinguística postulado por William Labov (2008), que analisa as variações ocorridas na língua, decorrentes de variáveis linguísticas e/ou sociais tendo como informantes alunos do 2º e 4º anos de duas Escolas da Rede Pública de Conceição do Coité.

Para o desenvolvimento desta pesquisa, foram elencadas a variável dependente e as variáveis independentes. Para a variável dependente foram analisados os Processos Fonológicos por Supressão: aférese, síncope e apócope. E para as variáveis independentes foram selecionados os fatores: *sexo*, masculino e feminino; *escolaridade* o 2º e 4º anos; e *localidade*, que foram consideradas a zona urbana e a zona rural.

### 2.2 Local e sujeitos

A pesquisa foi realizada em duas escolas do Ensino Fundamental da Rede Pública da cidade de Conceição do Coité – BA, nos dias 25 e 26 de setembro do ano corrente, nos segundo e quarto anos, sendo uma das escolas localizadas na sede do município e outra na zona rural.

Conceição do Coité teve sua emancipação política em sete de julho de mil novecentos e trinta e três. Está situada a 210 quilômetros da capital, a cidade possui aproximadamente sessenta e três mil habitantes (IBGE, 2008) e suas principais atividades econômicas são: o setor do comércio e atividades ligadas à agricultura.

A escola da sede foi selecionada em virtude de sua localização, a qual fica próxima a minha residência e também por já conhecer a escola e os funcionários. A escola da zona rural foi escolhida por contemplar os anos de escolaridade e a quantidade de alunos para a realização da pesquisa em um mesmo turno.

A escola EM<sup>1</sup>, localizada na sede, está situada na Avenida sete de Julho s/n, não muito distante do centro da cidade. A referida escola iniciou suas atividades no ano de mil novecentos e noventa e seis, atualmente, é composta por uma equipe de dezenove profissionais, incluindo o diretor, o vice o corpo docente e demais funcionários. Possui seis salas de aula, um pátio com uma grande quadra de esportes, secretaria, biblioteca, sala de computação e cozinha. Funciona nos turnos matutino e vespertino, ambos do primeiro ao quinto ano.

A escola RQ, localizada na zona rural, está situada no Povoado de Açude de Aroeira, com a distância de vinte quilômetros da sede. É composta por treze profissionais, incluindo, diretor, vice, corpo docente e demais funcionários. A escola possui três salas de aula, secretaria e cozinha. Funciona no turno matutino do segundo ao quinto ano e no turno vespertino, o maternal, primeiro e terceiro ano.

Para a realização da pesquisa, participaram um total de quarenta crianças, sendo vinte meninas e vinte meninos, selecionados da seguinte forma, em cada escola: cinco meninas e cinco meninos do segundo ano, e cinco meninas cinco meninos do quarto ano.

### 2.3 Instrumentos

Na coleta de dados foi elaborado um exercício-teste (ver apêndice) contendo dezoito frases, sendo seis frases para cada fenômeno de supressão, a fim de verificar se as crianças do 2º e 4º anos escrevem da mesma forma com falam, suprimindo sons no início, meio ou no final da palavra, como por exemplo: “brigado” por obrigado – *aférese*, “bebo” por bêbado – *síncope*, “senho” por senhor – *apócope*. Foi adotada a estratégia de aplicação de testes com o formato de preenchimento de lacunas, com palavras em que pudessem ocorrer os processos fonológicos por supressão, palavras às quais completariam o sentido da frase.

Em todas as salas de aula em que os testes foram realizados, inicialmente a professora regente informou aos alunos que seria distribuído um exercício para cada um deles e que o exercício era apenas uma forma descontraída de eles exercitarem a leitura e a escrita e que o mesmo deveria ser respondido e escrito da maneira que eles soubessem. Na escola da sede, permaneci nas salas de aula apenas como observadora, sendo apresentada para a turma, pela regente, com uma amiga. Dando sequência à atividade, a professora ia lendo as frases e eles rapidamente respondiam o exercício.

---

<sup>1</sup> Foram utilizadas as iniciais das escolas para preservar a sua identidade.

Na escola da zona rural, a regente também me apresentou a turma como uma amiga e, durante a aplicação da atividade solicitou a minha ajuda, pelo fato de os alunos ficarem muito eufóricos, uns querendo saber mais do que os outros e também por conta da grande quantidade de alunos.

Em ambas as escolas e turmas, a atividade foi muito bem aceita pelos alunos, os quais se divertiram muito durante a aplicação. Nas duas escolas analisadas, percebeu-se que o aprendizado não é uniforme nas turmas, alguns alunos já leem e escrevem bem, outros apresentaram dificuldades para ler e escrever, assim como para resolver as atividades.

## 2.4 Processamento dos dados

Com o intuito de observar a presença dos processos fonológicos por supressão: aférese, síncope e apócope, na escrita dos alunos do 2º e 4º anos, foi utilizada uma chave de codificação que contemplava os fenômenos de supressão, a ocorrência ou não desses fenômenos, o ano de escolaridade, o sexo dos alunos e a localização da escola, se referia a zona urbana ou a zona rural.

No processamento dos dados só foram consideradas as palavras em que ocorreram os fenômenos por supressão, já que houve palavras que não contemplavam as respostas e também palavras que não consegui identificar, seguem abaixo as palavras excluídas:

- *Aférese* – anaero, onigonhe, cora, itor, fada, gofom, eito, comer, bisavó, claros, fica, ito, triste, farda, amriolo, can,tar, tro, lofoni,pa, pou, la, imino,com, laranja, unifanio, figa, etas, hora, eta, lapra, braço, ivoni.
- *Síncope* – nadios, nadia, pradel, sigura, dido, padria, preito, pato, patoura, rindo, bedeo, pastou, pastora, moreno, mezar, coisquinha, padre, pretos, manhan, prade, gasta, inomeja, tia, conpade, cusinha, coscinhas, peto, padri, mgo, gogima, xaca, nevo, chica, nahica, peto, xica, pou, zico, rir, quoquia.
- *Apócope* – luis, reipeto, lu, cehoro, selhou, itid, cião, siora, impujura, paçado, seno, mata, ciou, var, vor, varra, estojo, bolhar, aliza,velinos, reboso, soul.

Para a obtenção dos resultados numéricos que subsidiaram esta pesquisa, foi utilizado o programa de análise estatística GOLDVARB X. A análise quantitativa realizada por esse programa só é feita a partir da codificação das ocorrências da variável dependente analisada

com base nos valores atribuídos às variáveis independentes, que são selecionadas previamente pelo pesquisador.

Foram feitas quatro rodadas, uma com todos os fenômenos de supressão, aférese, síncope e apócope, como variável dependente, e outras três com cada fenômeno de supressão rodado separadamente.

## 2.5 Variáveis

A variação linguística é um fenômeno intrínseco a toda e qualquer língua, contudo ela “não é aleatória, mas sim governada por restrições linguísticas e não linguísticas” (SILVA; SCHERRE, 1998, p. 39). Os falantes modificam seus comportamentos diante da sociedade, e sua fala irá refletir esses posicionamentos. Assim, as formas alternativas utilizadas por esses usuários da língua para tratar mais ou menos da mesma coisa denominam-se variantes linguísticas, as quais serão tratadas como um conjunto denominado de variável dependente, ou seja,

uma variável é concebida como dependente no sentido de que o emprego das variantes não é aleatório, mas influenciado por grupos de fatores(ou variáveis independentes) de natureza social ou estrutural (MOLLICA, 2004, p.11).

A variável dependente diz respeito à forma ou construção linguística que está em variação, ou seja, que está fazendo parte do repertório linguístico dos falantes, os quais fazem escolhas quanto ao uso de uma ou outra forma. Vale ressaltar que essas escolhas, normalmente, são inconscientes. Os dados que são coletados para os estudos sociolinguísticos são, em sua maioria, de contextos naturais de uso, quando a fala não é tão monitorada, assim os falantes utilizam a língua com espontaneidade, sem sofrer qualquer tipo de pressão imposta por regras estruturais dos estilos formais de fala.

Contudo essa escolha não é aleatória, depende dos fatores externos (ou sociais) à língua e dos fatores internos (ou linguísticos), uma vez que a própria língua pode condicionar determinados usos.

As variáveis independentes são assim chamadas, por se tomar como hipótese que podem influenciar a variação linguística, uma vez que não se considera ser ela aleatória, mas condicionada por esses grupos de fatores de ordem extralinguística ou linguística, podendo

atuar juntos ou não. Cabe ao sociolinguista selecioná-los de acordo com a realidade que se pretende estudar.

A seguir, serão elencadas a variável dependente e as variáveis independentes selecionadas, para a realização desta pesquisa.

### 2.5.1 Variável dependente

Como já foi mencionado, para execução desta pesquisa, foram feitas quatro rodadas, uma com todos os fenômenos de supressão, aférese, síncope e apócope, e outras três com cada fenômeno de supressão rodado separadamente e tendo como variável dependente:

- Presença do fenômeno
- Ausência do fenômeno

### 2.5.2 Variáveis independentes

Para o desenvolvimento desta pesquisa foram considerados os fatores extralinguísticos, pois diversos são os fatores externos à língua que podem determinar escolhas, entre eles, o *status* social do falante, a influência da mídia, rede social, entre outros. Além desses, há também a possibilidade de se verificar a influência quanto ao nível de escolaridade, sexo e quanto à localização das escolas, fatores extralinguísticos os quais foram selecionados para o estudo deste trabalho.

#### 1) Sexo

A análise dessa variável parte da hipótese de que as mulheres são mais cuidadosas e conservadoras com sua linguagem do que os homens. Contudo, essa diferença no falar não é algo marcado por questões biológicas. Segundo Bortoni-Ricardo (2004, p. 47), “essas variações entre os repertórios feminino e masculino são relacionadas aos papéis sociais que [...] são culturalmente condicionados”.

Ao analisarem alguns estudos sobre fenômenos fonológicos, Silva e Paiva (1988, p. 366) apontaram que a variável sexo apresentou-se bastante relevante, pois “indicou forte tendência das mulheres no uso das formas linguísticas padronizadas”.

## 2) Escolaridade

O papel da escola em relação ao ensino de língua materna sempre foi fruto de discussões. Votre (2003, p. 52), por exemplo, inicia seu artigo tecendo comentários a respeito, dizendo que:

a observação do dia-a-dia confirma que a escola gera mudanças na fala e na escrita das pessoas que frequentam e das comunidades discursivas. Constata-se, por outro lado, que ela atua como preservadora de formas de prestígio, face a tendências de mudança em curso nessas comunidades. Veículo de familiarização com a literatura nacional, a escola incute gostos, normas, padrões estéticos e morais em face da conformidade de dizer e de escrever. Compreende-se, nesse contexto, a influência da variável nível de escolarização, ou escolaridade, como correlata aos mecanismos de promoção ou resistência à mudança.

Assim, de acordo com Silva e Paiva (1998, p. 343), a partir de observações feitas em relação a alguns estudos no nível fonológico, constatou-se que os falantes que possuem níveis de escolarização mais altos tendem a usar mais as formas socialmente aceitas, desfavorecendo os usos que não estão em consonância com o padrão estabelecido. Nesse sentido, essa variável foi selecionada, para analisar a hipótese de que os alunos do 4º ano tendem a realizar os fenômenos de supressão com menos frequência do que os alunos do 2º ano, devido ao fato de o grau de escolaridade ser mais avançado.

Foram considerados os anos de escolaridade:

- 2º ano
- 4º ano

## 3) Localidade

É sabido que, durante muito tempo, o acesso à escola foi privilégio de poucas pessoas. Segundo Labov, (2008, p.139),

a justificativa para tanto era o raciocínio de que a sociedade tinha que ser estruturada na base do poder, e assim era necessário que uma grande massa de oprimidos fosse analfabeta, para não ter consciência da dominação ou, pelo menos ser incapaz de qualquer reação.

Este raciocínio se fez presente na história da educação brasileira, por muitos anos, mas aos poucos, num longo processo que se iniciou com a revolução industrial, a sociedade passou a sentir cada vez mais a necessidade de mão-de-obra qualificada e foi forçada a estender o benefício da educação escolar às camadas mais baixas da população.

Essa variável foi selecionada para verificara hipótese de que, os alunos da zona rural tendem a realizar os fenômenos por supressão com mais frequência do que os alunos da zona urbana, devido à diferença dialetal e também, pelo difícil acesso aos meios de comunicação, como por exemplo: televisão, computador. Assim, para essa variável, foram considerados os seguintes fatores:

- Zona urbana
- Zona rural

### CAPÍTULO III - ANÁLISE DOS DADOS

Neste capítulo, serão apresentadas a análise quantitativa dos dados e a interpretação dos resultados obtidos por meio do programa de análise estatística GOLDVARBX.

Para a realização da pesquisa, conforme abordado na metodologia, foram aplicados quarenta exercício-teste, tendo como informantes vinte meninas e vinte meninos, selecionados da seguinte forma, em cada escola: cinco meninas e cinco meninos do segundo ano, e cinco meninas cinco meninos do quarto ano. O exercício-teste foi elaborado em forma de preenchimento de lacunas, com palavras em que pudessem ocorrer os processos fonológicos por supressão, palavras as quais completariam o sentido da frase. O exercício conteve dezoito frases sendo seis frases para cada fenômeno.

Para a análise deste estudo, foram feitas comparações sistemáticas dos resultados, levando-se em conta a frequência dos fenômenos analisados em relação ao ano de escolaridade, o sexo dos alunos e a localização das escolas.

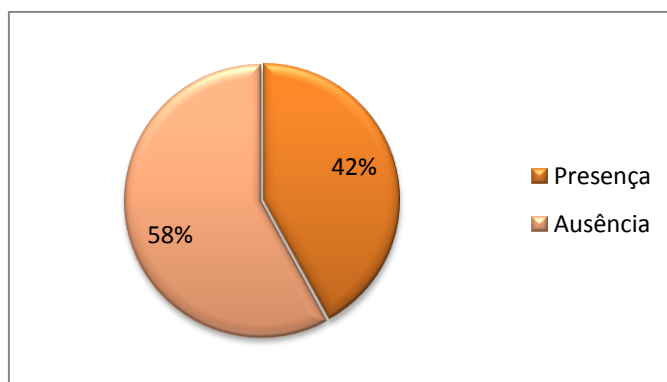
A fim de verificar de que modo se distribuem nas escolas os processos fonológicos por supressão, calcularam-se suas frequências como mostra a tabela 1:

**Tabela 1:** Índice geral de ocorrências na amostra.

	Nº/T	%
Presença	252/595	42
Ausência	343/595	58

A tabela 1 apresenta o índice geral de ocorrências dos processos fonológicos por supressão: aférese, síncope e apócope na escrita dos alunos de duas escolas públicas de Conceição do Coité. No total, foram analisados 595 dados, sendo 252 dados de presença, equivalendo a 42%, e 343 dados de ausência, apresentando um percentual de 58%.

Para uma melhor visualização, o gráfico abaixo mostra o percentual geral de presença e ausência dos processos fonológicos por supressão:



**Gráfico 1:** Índice geral de ocorrências na amostra.

A tabela 2 ilustrada abaixo mostra os dados numéricos que quantificam o número de realizações e os percentuais dos processos fonológicos por supressão:

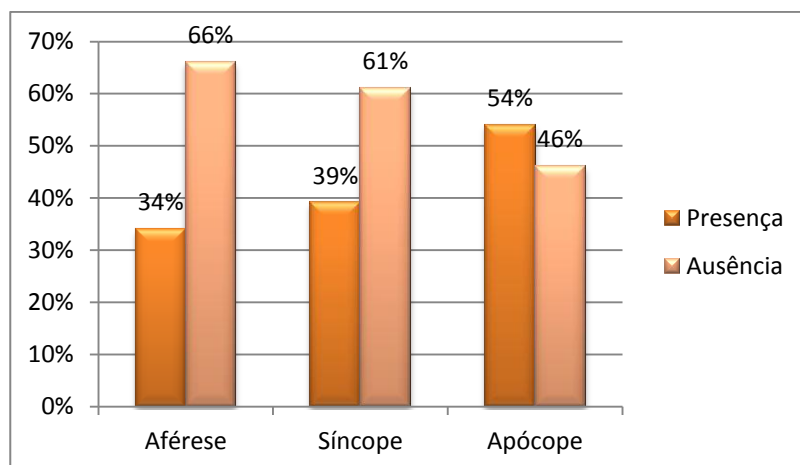
**Tabela 2:** Distribuição dos dados no *corpus* quanto aos fenômenos.

	Presença		Ausência	
	Nº/T	%	Nº/T	%
Aférese	69/202	34	133/202	66
Síncope	72/186	39	114/186	61
Apócope	111/207	54	96/207	46

De acordo com a análise geral feita dos fenômenos nas escolas, observa-se que o fenômeno apócope possui maior índice de ocorrência na escrita dos alunos, apresentando um percentual de 54%, pois, pode-se considerar que há uma distribuição complementar: de um lado aférese e síncope (com ausência) e por outro lado apócope (com presença) já que, das palavras analisadas, o fenômeno aférese aparece com o percentual de 34% de ocorrências e o fenômeno síncope, aparece com o número equivalendo 39% de ocorrências.

A partir dos dados obtidos nesta pesquisa, acredita-se que, o fenômeno apócope teve maior índice de ocorrência porque, dentre os três fenômenos analisados, é o mais comum, e o menos estigmatizado pela sociedade e também por ser mais fácil para os falantes, suprimir sons no final da palavra.

A fim de ilustrar melhor as informações contidas na tabela 1, será apresentado a seguir um gráfico, no qual se percebe com maior nitidez os percentuais de presença e ausência de cada processo fonológico:



**Gráfico 2:** Índice geral de ocorrências na amostra, por fenômeno.

A tabela a seguir mostra os percentuais referentes ao uso de cada fenômeno conforme o grau de escolaridade:

**Tabela 3:** Distribuição dos dados quanto à série

	Aférese		Síncope		Apócope	
	Nº/T	%	Nº/T	%	Nº/T	%
2º ano	38/69	55	42/72	58	62/111	56
4º ano	31/69	45	30/72	42	49/111	44

Na tabela, os índices ocorreram positivamente, pois era previsto que com o avanço da escolaridade os problemas decorrentes da interferência da fala na escrita tendessem a diminuir, uma vez que os alunos começam a assimilar as diferenças entre língua oral e a língua escrita. Os dados revelam uma diminuição considerável entre os alunos do 4º em relação aos do 2º ano, nos três fenômenos em estudo, já que, para cada fenômeno analisado, foram utilizadas as mesmas quantidades de palavras tanto para o 2º como para o 4º ano. No fenômeno aférese, das palavras analisadas no 2º, ano houve uma ocorrência equivalente a 55%, já no 4º ano, analisando o mesmo fenômeno, obteve-se um percentual de 45%. No fenômeno síncope, das palavras analisadas, o 2º ano apresentou 58% de ocorrências, já no 4º ano, observando o mesmo fenômeno foi totalizado o equivalente a 42%. No fenômeno apócope das palavras analisadas no 2º ano obteve-se 56% de ocorrências e no 4º ano o mesmo fenômeno totalizou 44%.

Os números da tabela 2 confirmam a hipótese levantada neste estudo o de que os alunos do 4º ano tendem a realizar os fenômenos por supressão com menos frequência do que os alunos do 2º ano, devido ao fato de o grau de escolaridade ser mais avançado.

Os percentuais mostrados elucidam o fato de que, ao progredir nos anos iniciais de escolarização, os problemas vão sendo sanados, pois os alunos começam a entender as regras vigentes da ortografia. Essa mesma constatação foi feita por Mollica (1998), em sua pesquisa realizada em várias escolas do Rio de Janeiro, sobre a qual conclui que, nas séries iniciais, os alunos ainda estão assimilando a relação fonema/grafema, procedimento bastante complicado para apropriar-se do processo fala/escrita.

Na observação da tabela a seguir, constatam-se os percentuais que diferem a frequência de realização dos processos fonológicos por supressão entre os sexos:

**Tabela 4:** Distribuição dos dados quanto ao sexo.

	Aférese		Síncope		Apócope	
	Nº/T	%	Nº/T	%	Nº/T	%
Menino	38/69	55	39/72	54	57/111	51
Menina	31/69	45	33/72	46	54/111	49

De acordo com a análise da tabela, o sexo masculino obteve uma taxa maior de ocorrência em todos os fenômenos. Para a análise de cada fenômeno foram analisadas a mesma quantidade de palavras, tanto para o sexo masculino como para o feminino. No fenômeno aférese, das palavras analisadas, os meninos apresentaram um percentual de 55% de ocorrências e as meninas elencaram um total de 45%. No fenômeno síncope, os meninos apresentaram um percentual de 54% de ocorrências e as meninas obtiveram 46%. No fenômeno apócope, a diferença de realização entre ambos os sexos não foi tão relevante, já que os meninos tiveram 51% de ocorrências e as meninas apresentaram um percentual de 49%. Essa diferença percentual de apenas 2% entre meninos e meninas é uma evidência de que o fenômeno apócope é menos estigmatizado.

A partir da análise destes dados, nota-se uma tendência menor de realização dos processos fonológicos por supressão por parte do gênero feminino, o que confirma a hipótese levantada para esta variável, de que, as mulheres são mais cuidadosas e conservadoras com sua linguagem do que os homens. Essa temática é abordada por alguns autores dentre eles, Tasca (2002, p.46), quando ressalta que em muitos estudos de variação linguística foi

constatado que as mulheres comportam-se diferentemente dos homens no uso de determinados aspectos da linguagem. Ou seja, as meninas monitoram mais sua fala e são mais cuidadosas com a escrita.

A tabela a seguir mostra o percentual de ocorrências entre a zona urbana e a zona rural.

**Tabela 5:** Distribuição dos dados quanto à localidade.

	Aférese		Síncope		Apócope	
	Nº/T	%	Nº/T	%	Nº/T	%
Rural	42/69	61	46/72	64	64/111	58
Urbano	27/69	39	26/72	36	47/111	42

De acordo com a análise da tabela, a zona rural teve um índice maior de ocorrência em todos os fenômenos em relação à zona urbana. Para cada fenômeno, foram analisadas a mesma quantidade de palavras tanto para a zona urbana como para a zona rural. No fenômeno aférese, a zona rural apresentou 61% das ocorrências, o mesmo fenômeno na sede obteve um percentual de 39%. No fenômeno síncope, a zona rural apresentou 64%, das ocorrências e na sede foi elencando um percentual de 36%. E por fim, para o fenômeno apócope, na escola da zona rural foram obtidos 58% das ocorrências e na sede, o mesmo fenômeno totalizou um percentual de 42% das ocorrências.

Como pode ser observado na tabela acima, a zona urbana teve um índice menor de ocorrência em todos os fenômenos em relação à zona rural. Os dados confirmam a hipótese levantada para essa variável, a de que os alunos da zona rural tendem a realizar os fenômenos por supressão com mais frequência do que os alunos da zona urbana, devido à diferença dialetal e também, pelo difícil acesso aos meios de comunicação, como por exemplo: televisão, computador.

Neste estudo, foi possível considerar alguns fatores que, de acordo com a pesquisa, podem interferir de alguma forma para o desenvolvimento escolar dos alunos, como por exemplo, os alunos da escola da sede tem mais acesso aos meios de comunicação (televisão, computador), do que os alunos da zona rural, como no caso desta localidade rural, por ser um local pobre, muitas famílias não possuem meios de comunicação, bem diferente da realidade dos alunos da sede, que são poucos os que em sua residência não tenham esses referidos

aparelhos. Outro fator considerável é que, na zona rural, a maioria das crianças ajuda seus pais nas lavouras, muitas até faltam às aulas para trabalhar, o que compromete muito o seu rendimento escolar. Outro aspecto importante é que, nesta escola da sede, os alunos têm acesso à biblioteca e a computadores, diferentemente dos alunos de algumas escolas da zona rural, como no caso desta escola em que foi realizada a pesquisa, a escola não tem biblioteca nem computadores que possam ser utilizados pelos alunos, além de o povoado ser pequeno e muito carente. De acordo com essa pesquisa, acredita-se que esses são alguns dos fatores que não contribuem para um melhor desenvolvimento educacional dessas crianças, como também da comunidade na qual a escola está situada.

Diante deste estudo, é possível perceber que os resultados apresentados neste capítulo demonstram que os fatores extralinguísticos controlados nesta pesquisa influenciam a variação dos fenômenos aqui estudados, já que as hipóteses elencadas para cada fator foram confirmadas.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O desenvolver deste estudo constitui um esforço de compreender como se dá a influência da oralidade na escrita, tomando como base as análises e reflexões feitas frente aos instrumentos utilizados como referencial bibliográfico. Desta forma, espera-se que este trabalho venha contribuir de forma significativa nos estudos voltados para uma educação livre de preconceitos frente às desigualdades sociais pertinentes em nossas escolas.

De acordo com os resultados obtidos na análise dos dados, pode-se perceber que os alunos são influenciados pelas marcas da oralidade na escrita, sendo estas caracterizadas como incorreções comuns e imprevisíveis nos anos iniciais de escolarização.

Diante da pesquisa, foi possível perceber que o fenômeno que ocorre com mais frequência é a apócope, por ser dentre os três fenômenos analisados o mais comum e o menos estigmatizado pela sociedade e também por ser mais fácil para os falantes, suprimir sons no final da palavra.

Os fatores externos considerados nesta pesquisa foram as variáveis: ano de escolaridade, sexo e a localização das escolas, fatores para os quais foram constatadas que podem, sim, exercer grande influência sobre a escrita.

Ao analisar a ocorrência dos fenômenos de supressão: aférese, síncope e apócope, qual deles ocorreria com mais frequência, aconteceu o contrário do que esperava, houve um índice maior de ocorrência no fenômeno apócope, diferentemente da hipótese levantada que a ocorrência seria no fenômeno aférese.

Com base na análise feita em relação ao ano de escolaridade, foi concluído que os dados se comportaram de maneira prevista, uma vez que os índices de ocorrências foram maiores no 2º do que no 4º ano.

Em relação à variável sexo, a análise aponta que o índice de menor ocorrência dos fenômenos é realizado pelo sexo feminino, o que confirma a hipótese levantada para esta variável de que as mulheres são mais cuidadosas e conservadoras com sua linguagem do que os homens.

Ao analisar a ocorrência dos fenômenos em relação à localidade, foi constatado que, houve um índice maior de ocorrência dos três fenômenos na escola da zona rural, que apresentou um percentual considerável em comparação à escola da sede, o que confirma a hipótese elencada para essa variável, a de que os alunos da zona rural tendem a realizar os fenômenos por supressão com mais frequência do que os alunos da zona urbana, devido à

diferença dialetal e também, pelo difícil acesso aos meios de comunicação, como por exemplo: televisão, computador.

Nessa perspectiva, foram considerados alguns fatores que contribuem para elevação do índice de ocorrência dos fenômenos na zona rural como, por exemplo, a carência da localidade, o difícil acesso aos meios de comunicação, a necessidade das crianças em ajudar a família nos trabalhos do campo, pois acredita-se que todos esses fatores contribuem para um menor rendimento e desenvolvimento no aprendizado dos alunos.

De acordo com o exposto, este trabalho visa de alguma forma, auxiliar o professor do Ensino Fundamental e a profissionais que lidam com a linguagem a refletirem sobre o seu trabalho com a nossa língua materna, principalmente no que se refere ao ensino da ortografia, em sala de aula, identificando as características sociolinguísticas da sociedade brasileira e suas implicações para a educação e, conseqüentemente, para a formação de uma sociedade menos preconceituosa.

## REFERÊNCIAS

- BAGNO, Marcos. *Nada na língua é por acaso: ciência e senso comum na educação em língua materna*. Presença Pedagógica, UNB, setembro, 2006.
- BAGNO, Marcos. *Nada na língua é por acaso: por uma pedagogia da variação linguística*. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.
- BAGNO, Marcos. *Língua materna: letramento, variação e ensino*. In: BAGNO, Marcos, GAGNÉ, Gilles, STUBBS, Michael. São Paulo: Parábola Editorial, 2002.
- BORTONI- RICARDO, Stella Maris. *Educação em língua materna: a sociolinguística na sala de aula*. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.
- BORTONI-RICARDO, Stella Maris. *Nós chegemu na escola e agora? Sociolinguística e educação*. 2. ed São Paulo: Parábola Editorial, 2005.
- BORTONI-RICARDO, Stella Maris *Educação em língua materna: a sociolinguística na sala de aula*. São Paulo: Parábola. 2006
- CAGLIARI, Luiz Carlos. *Alfabetização e linguística*. 10 ed. São Paulo: Scipione , 2005.
- CALLOU, Dinah. *Iniciação à fonética e à fonologia*. Dinah Callou, Yonne Leite. 9 ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.
- CAMACHO, Roberto Gomes. Sociolinguística. In: MUSSALIN, Fernanda; BENTES, Anna Christina (Orgs). *Introdução à Linguística: domínios e fronteiras*. 8 ed. São Paulo: Cortez, 2008.
- CAMARA JR, Joaquim M. *Manual de expressão oral e escrita*. 9 ed. Petrópolis: Vozes, 1986.
- CASTRO, Maria Lúcia Souza. (Des) caminhos do processo de ensino aprendizagem de língua materna. In: MENDES, Edleise; CASTRO, Maria Lúcia Souza (orgs). *Saberes em português: ensino e formação docente*. Campinas: Pontes, 2008.
- CARVALHO, Dolores Garcia. *Gramática Histórica*. São Paulo: Ática, 1971.
- CATACH, Nina. *Para uma teoria da língua escrita*. Tradução Fulvia Moretto e Guacira Machado. São Paulo: Ática, 1996.
- CAVALIERI, Ricardo, 1953. *Pontos essenciais em fonética e fonologia*. Rio de Janeiro: Lucerna ,2005.
- DIONISIO, Ângela Paiva. Variedades linguísticas: Avanços e entraves. In: DIONISIO, Ângela Paiva; BEZERRA, Maria Auxiliadora (Orgs). *O livro didático de português: múltiplos olhares*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2000.
- FÁVERO, Leonor L. *Oralidade e escrita: perspectivas para o ensino de língua materna*. São Paulo: Cortez, 2005.

FIORIN, José Luíz (org). *Introdução à Linguística II: Princípios de análise*. 4 ed. São Paulo: Contexto, 2007.

LABOV, W. *Modelos sociolinguísticos*. Madri: Cátedra, 1983.

LABOV, W. *Padrões sociolinguísticos*. São Paulo: Parábola, 2008.

MARCUSCHI, Luiz A. *Da fala para a escrita: atividades de retextualização*. 6ª ed. São Paulo: Cortez, 2005.

MARCUSCHI, Luiz Antônio; DIONISIO, Angela Paiva. *Fala e escrita*. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

MOLLICA, Maria Cecília. *Influência da fala na alfabetização*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1998.

MOLLICA, Maria Cecília. *Da linguagem coloquial à escrita padrão*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2003.

MOLLICA, Cecília. *Fundamentação teórica: conceituação e delimitação*. In.: MOLLICA, Cecília; BRAGA, Maria Luiza (orgs.). *Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação*. São Paulo: Contexto, 2003.

MOLLICA, Maria Cecilia. *Fundamentação teórica: conceituação e delimitação*. In: MOLLICA, Maria Cecilia; BRAGA, Maria Luiza. *Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2004.

MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza (orgs). *Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação*. 3 ed. São Paulo: Contexto, 2007.

MONTEIRO, José Lemos. *Para compreender Labov*. 3. Ed. Petrópolis: Vozes, 2008.

MUSSALIN, Fernanda; BENTES, Anna Christina (orgs). *Introdução à Linguística: domínios e fronteiras*. 8 ed. São Paulo: Cortez, 2008. v. 1.

SILVA, Giselle Machline de O. e; PAIVA, Maria da Conceição A. de. *Visão de conjunto das variáveis sociais*. In.: SILVA, Giselle Machline de Oliveira e; SCHERRE, Maria Marta P. *Padrões sociolinguísticos: análise de fenômenos variáveis do português falado na cidade do Rio de Janeiro*. 2.ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, Departamento de Linguística e Filologia da UFRJ, 1998.

TARALLO, Fernando. *A Pesquisa Sociolinguística*. São Paulo: Ática, 1986.

TARALLO, Fernando. *A pesquisa sociolinguística*. São Paulo: Ática, 2007.

TASCA, Maria. *Interferência da língua falada na escrita das séries iniciais: o papel de fatores linguísticos e sociais*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. *Gramática e interação: uma proposta para o ensino de gramática no 1º e 2º graus*. 6 ed. São Paulo: Cortez, 2001.

VOTRE, Sebastião Josué. Relevância da variável escolaridade. In: MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza (Org.). *Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação*. São Paulo: Contexto, 2003.

APÊNDICE: Exercício com preenchimento de lacunas

ESCOLA - \_\_\_\_\_

ALUNO (a)- \_\_\_\_\_ SÉRIE- \_\_\_\_\_

IDADE- \_\_\_\_\_ SEXO:(  ) MASCULINO (  ) FEMININO

Complete os espaços em branco de acordo com o sentido da frase:

- 1- A cor do sol é \_\_\_\_\_.
- 2- Quando alguém toma muita cachaça fica \_\_\_\_\_.
- 3- O ferro é utilizado para \_\_\_\_\_ roupas.
- 4- Quando recebo um presente agradeço dizendo \_\_\_\_\_.
- 5- O homem que me batizou eu chamo de \_\_\_\_\_.
- 6- Por respeito não devemos chamar os idosos de você, mas de \_\_\_\_\_.
- 7- Quando Ana chora é porque ela \_\_\_\_\_ com fome.
- 8- A mulher que me batizou eu chamo de \_\_\_\_\_.
- 9- Para não me afogar preciso saber \_\_\_\_\_.
- 10- A mãe da minha mãe é minha \_\_\_\_\_.
- 11- Os escravos não eram brancos, eram \_\_\_\_\_.
- 12- A vassoura serve para \_\_\_\_\_.
- 13- Quando chego da escola falo: mãe \_\_\_\_\_ com fome.
- 14- Quando me fazem \_\_\_\_\_ dou muitas risadas.
- 15- Podemos ver as horas através do \_\_\_\_\_.
- 16- A roupa que se usa na escola pode ser chamada de farda ou \_\_\_\_\_.
- 17- Gosto de tomar café na \_\_\_\_\_.
- 18- A \_\_\_\_\_ do meu quarto queimou.